

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

A FUNÇÃO DOS CONTOS LITERÁRIOS INFANTIS PARA A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA¹ **THE FUNCTION OF CHILDREN'S LITERARY TALES FOR THE PSYCHIC CONSTITUTION**

Andressa Da Silva Dias², Ariele Rakoski Zanfra³, Bruna Sampaio Lovato⁴

¹ Trabalho desenvolvido na disciplina de Psicanálise e Literatura Infantil

² Acadêmica do curso de Psicologia da Unijuí; E-mail: diiasandressaa@hotmail.com.

³ Acadêmica do curso de Psicologia da Unijuí; E-mail: arielezanfra@gmail.com

⁴ Acadêmica do curso de Psicologia da Unijuí; E-mail: brunasampaiolovato@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo realizar uma análise, de como as funções literárias permitem à criança elaborar simbolicamente suas questões inconscientes, através das fantasias vindas pelos contos infantis. O sujeito necessita de recursos para conseguir lidar com seus conflitos internos e o seu caminho ao amadurecimento. Nas crianças isto se dá através da fantasia e brincar, e como ferramenta temos os contos infantis. Na criança uma das principais manifestações da fantasia é através do brincar, e a cada ação a angústia associada vai diminuindo.

Através dos contos infantis, as crianças conseguem fantasiar, permitindo vivenciar seus medos e desejos, posteriormente simbolizando questões significativas para a sua constituição psíquica. Sabe-se, na teoria da psicanálise, que a criança passa por diversas fases de constituição psíquica, o que é de extrema complexidade, envolvendo questões subliminares, e de maneira delicada. Os contos infantis vêm para ajudar a dar conta, simbolizando essas questões para que não se precise ser criadas no real.

2. METODOLOGIA

Esse trabalho foi realizado com base em uma pesquisa bibliográfica, com ênfase na psicanálise, em autores que trabalham com o tema, visando investigar o fenômeno da interpretação das funções literárias como recurso de elaboração das questões psíquicas, e a criação das fantasias infantis. Autores como Diana Corso e Mário Corso, acreditam que os contos infantis têm papel fundamental para acesso a fantasia da criança, o que a permite simbolizar suas angústias e desejos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os contos desde sua origem já exerciam uma função terapêutica, o que explica sua transmissão de gerações ao longo dos séculos. Segundo Bettelheim (2001, p.15) "o conto de fada é terapêutico porque o paciente encontra sua própria solução através da contemplação do que a história parece

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

implicar acerca de seus conflitos internos neste momento da vida”.

A criança precisa entender o que está se passando no seu consciente para que possa entender o que acontece com seu inconsciente. Isso não se dá pela compreensão do conteúdo inconsciente e sim pela fantasia dos elementos fabulares correspondentes à pressão desses conteúdos inconscientes.

É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, enquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ajuda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida. (BETTELHEIM, 2015)

Os contos escolhidos pelas crianças não têm relação com o mundo exterior dela, embora possa ter traços do cotidiano, mas tem relação com os conflitos internos que ocorrem com ela em cada fase do desenvolvimento, fazendo com que nos contos ela viva essas questões de forma simbólica. Os contos vão ser para as crianças transformadores, já que ela vai recriar sua realidade de acordo com suas necessidades, para dar conta dos seus medos, angustias, frustrações decorrentes de cada etapa do seu desenvolvimento.

De qualquer maneira, convém ressaltar que os estímulos ficcionais não se impõem como estruturantes, por mais que os meios de comunicação possam insistir. A criança e o adulto escolhem, coletam, despedaçam e corrompem, ao seu bel-prazer, as fantasias que são oferecidas, até que elas se adaptem às suas necessidades. (CORSO;CORSO, 2006, p. 229).

Essas crianças criaram possibilidades para seus próprios recursos para lidar com as questões do mundo exterior se fortalecendo como sujeito.

São muitos os autores que trabalharam com histórias infantis, mas não podemos deixar de levar em consideração as primeiras versões das histórias. Os Irmãos Grimm (Jacob 1785-1863/ Wilhelm 1786-1859); Charles Perrault (1628-1703); Hans Christian Andersen (1805-1875) são os primeiros e principais autores das histórias infantis. Também não podemos deixar de fora o autor Monteiro Lobato (1882-1948), escritor brasileiro que marcou com suas histórias.

Os contos dos Irmãos Grimm são marcados pela solidariedade e amor ao próximo, não são contos que apresentam violência, como são abordadas com outros autores, porém a agressividade é apresentada nas formas de lobo mal, bruxas, madrastas e feras; finais em suas histórias são felizes. Já Charles Perrault, seus contos possuem mensagens morais, com a função de dar mensagens de orientações e ensinamentos. A pesar de contar contos de fadas, esses elementos não se fazem presentes em suas obras.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

Hans Christian Andersen, é considerado pai da literatura infantil. Escreveu contos direcionados as crianças, observando crianças pobres, e colocando essas vivencias em seus contos. Seus contos eram inéditos, pois brinquedos ganhavam vida, o papel principal era de uma criança. Assim escrevendo sobre valores morais, e não obtendo um final feliz em seus contos. E por fim, Monteiro Lobato pioneiro da literatura infanto-juvenil, tendo como propósito, apesar de serem contos infantis, ser um instrumento de luta contra o atraso cultural e a miséria do Brasil.

RECORTES DE CONTOS INFANTIS

A história de Rapunzel, segundo os Irmãos Grimm, começa quando a mãe deseja os raponços da vizinha, e após roubarem, precisam trocar os raponços pela filha que está por vir. A madrasta a chamou de Rapunzel, e por ser muito bela a bruxa tranca a menina em uma torre, sem portas, com apenas uma janela, onde Rapunzel jogava suas tranças para que a bruxa pudesse entrar e sair da torre.

Em um belo dia um príncipe que por ali passava, escutou uma canção e foi até a torre, tentando de várias maneiras subir, até que um dia descobriu que gritando “Rapunzel, jogue suas tranças”, ele conseguiria subir. Os dois viveram um romance, e diante disso planejaram uma fuga. O romance na versão dos Irmãos Grimm, a menina teria perguntado a bruxa: “Por que meu vestido está ficando mais apertado na cintura?”. Desta forma a bruxa fica furiosa, corta suas tranças e a deixou no deserto, para que sofresse e morresse. Enganou o príncipe, e o derrubou da torre, deixando-o cego. No deserto Rapunzel da à luz a gêmeos, e o príncipe após muito procurar pela moça, a reconhece ao escutar sua voz e ao se reencontrarem com as lágrimas de Rapunzel, ela o cura de sua cegueira.

O conto de Rapunzel, a partir de uma leitura psicológica se inicia com a objetivação da criança, que é trocada como um objeto ao nascer. A relação com os pais se da a partir de mãe e madrasta, com as duas satisfazendo de seus desejos, a mãe quando quer a verdura mesmo tendo de trocar pela filha, e a madrasta quando a exige afeto exclusivo. Já o pai é anulado, tanto pela mãe que o impõem mesmo com medo invadir o pátio da bruxa, e pela bruxa com a relação simbiótica que se instala com Rapunzel. No livro Fadas no Divã, Diana e Mário Corso (2006) refletem sobre o fato de que:

O conto Rapunzel conserva-se lembrado pelas crianças apesar de não ter tido, até agora, grande ajuda da mídia moderna para sua difusão. Não contamos ainda com uma versão cinematográfica, apenas segue comparecendo nas compilações de contos de fadas folclóricos. As versões que conhecemos são todas inspiradas na de Jacob e Wilhelm Grimm. (CORSO; CORSO, 2006, p. 64).

Já no conto dos Três Porquinhos, os três irmãos porquinhos saem de casa, pois sua mãe não tem como sustentá-los. Eles saem separados, por caminhos diferentes. A primeira providência de cada um é encontrar uma casa para morar, o primeiro faz sua casa com palha que recebe de um homem

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

no caminho. O segundo também ganha gravetos de um homem que encontra e com isso faz a sua casa, um pouco melhor do que a do irmão. Por fim, o terceiro porquinho demora mais tempo para fazer sua casa, pois é construída de tijolos, que também ganhou de um desconhecido no caminho.

Quando o lobo aparece os porquinhos já têm onde se abrigar. O primeiro se esconde, mas o lobo sopra a casa que se desfaz e devora o porquinho. O segundo dos irmãos tem o mesmo destino, o lobo soprou um pouco mais que a primeira casa. No terceiro porquinho o lobo sopra, mas não derruba a casa. Então ele tenta convencer o porquinho dizendo onde achar comidas apetitosas, dessa forma o porquinho vai em busca da comida, mas sempre se antecipando ao lobo, que não consegue nada com suas armadilhas. E por último o lobo tenta invadir a chaminé da casa do porquinho, que estava preparado esperando o lobo com uma panela de água quente, lhe dando fim.

Os Três Porquinhos é uma trama simples, porém que chama atenção das crianças pelo fato do lobo ser assustador, que dão conta dos perigos que a criança ainda não entende direito, mas sabe que existe. Nesse conto está o prazer de encontrar o lobo que significa uma ameaça real para ela. Isso ocorre porque o lobo na vida real é o pai, já que ele também ocupa um lugar de interesse na vida da mãe e, além disso, oferece a ela os prazeres da vida adulta, coisa que essa criança não pode lhe oferecer, e assim a atenção da mãe não é só dela.

E claro que o trabalho dela, assim como as preocupações mundanas com o dinheiro, com a vida social e cultural, produz o mesmo efeito; mas se há alguém disponível para ser culpabilizado por retirar da criança a atenção da mãe, este é o pai, afinal é com ele que ela dorme. (CORSO; CORSO, 2006, p. 58). Dessa forma, podemos pensar que os contos infantis estão ligados inconscientemente com as situações que essa criança está trabalhando psiquicamente para dar conta dos seus medos reais e assim transformando-lhes em fantasia.

Existem contos contemporâneos que vem para dar conta de questões sociais apresentadas e trabalhadas atualmente, como por exemplo a história do Harry Potter, onde a autora Rowling, dá um lugar para o pré-adolescente. Pensando na palavra “trouxa” trazida no livro, que se reporta aos “não-bruxos”, pode se fazer uma associação com o adolescente, neste período de moratória e o lugar adolescente para os adultos, e ainda sobre a adolescência, a obra fala sobre a puberdade, a importância dos segredos e a adolescência como ideal social.

Harry Potter também traz a identificação dos leitores - principalmente crianças e adolescentes - com o livro e com os lugares dos personagens; questões com a função paterna (cisão da figura); o papel da escola na socialização; a negação do passado e obsessão pelo futuro e as dificuldades com a história familiar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O brincar para a criança e o fantasiar para a criança e o adolescente, são recursos para a elaboração dos seus conflitos psíquicos, seus ideais, de uma forma sem maiores compromissos,

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

pois brincando ou devaneando está-se fora da realidade. Na brincadeira se vive o personagem da trama, é uma fantasia vivida, mas que se pode sair da cena quando quiser.

Portanto, é importante que a criança consiga ressignificar suas questões e simboliza-las, para conseguir se organizar psiquicamente. Os contos literários conseguem fazer esse papel, a partir da liberdade que a criança os acessa, se possibilitando para as fantasias e representações inconscientes. A partir disso, se tem acesso as questões subjetivas.

PALAVRAS-CHAVES: Contos infantis; literatura; função psíquica.

KEYWORDS: Children's Tales; Literature; Function psychic.

5. REFERENCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2015, p. 448.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mario. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed. 2006. 328 p.